

Análise cartográfica do discurso: metodologias ativas e as práticas discursivas

LARYSSA VICTORIANO DE GOUVÊA

UFMG, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

O trabalho em tela apresenta uma pesquisa em desenvolvimento que se debruça sobre o tema das Metodologias Ativas. Com a conclusão da pesquisa monográfica, pude constatar que os processos de implementação das Metodologias Ativas, como parte da metodologia num contexto de BNCC, seguem uma tendência geral de esvaziamento dos aspectos políticos em conformidade com o modelo neoliberal. Sendo assim, emerge a necessidade de uma reflexão sobre as práticas discursivas adotadas nas Metodologias Ativas, resgatando o contexto da sua produção histórica e seus aspectos políticos. Nesta pesquisa pretendo aprofundar as análises discursivas a respeito das possíveis relações entre esses silenciamentos das articulações teórico-político-históricas, e ainda reforçar a palavra Inovação. O problema é: qual é a relação entre a denominação das Metodologias Ativas como inovadoras, ainda que apaguem a história, e o silenciamento que produzem? Em consonância com Bibiana Campos (2022), o *corp*us de uma pesquisa cartográfica é desenhado no decorrer dos trabalhos, movido, promovido ou removido conforme nossas pesquisas avançam e outros aspectos se apresentam produtivos – é impossível partir de um *corp*us preestabelecido. A fundamentação teórico-metodológica parte da noção de prática discursiva de Michel Foucault (2014). O autor afirma que o discurso é produtor de conhecimento, regula, por meios de práticas discursivas, o que é possível ou não dizer.

Palavras-chave: metodologias ativas; inovação; educação; análise cartográfica do discurso.

ABSTRACT

This paper presents a research project on the subject of Active Methodologies. With the conclusion of the monographic research, I was able to see that the processes of implementing Active Methodologies, as a part of the methodology in a BNCC context, follow a general trend of emptying the political aspects in accordance with the neoliberal model. As such, there is a need to reflect on the discursive practices adopted in Active Methodologies, looking at the context of their historical production and their political aspects. In this research, I intend to deepen the discursive analysis of the possible relationships between these silencing of theoretical-political-historical articulations, while, at the same time, reinforcing the word Innovation. The problem is: what is the relationship between naming Active Methodologies as innovative, even though they erase history, and the silencing they produce? In line with Bibiana Campos (2022), the *corp*us of a cartographic research is drawn up in the course of the work, moved, promoted or removed as our research progresses and other aspects become productive – it is impossible to start from a pre-established *corp*us. The theoretical-methodological foundation is based on Michel Foucault (2014) notion of discursive practice. The author states that discourse produces knowledge and regulates what can and cannot be said through discursive practices.

Keywords: active methodologies; innovation; education; cartographic discourses analysis.

1. INTRODUÇÃO

Chegando ao final da minha graduação em Letras, busquei orientação para a escrita monográfica, na Faculdade de Educação da UFRJ, com o objetivo de construir a minha monografia sobre o tema das

Metodologias Ativas. Isso aconteceu porque, durante a minha graduação, eu fui exposta, em vários momentos diferentes, a Metodologias Ativas, que me foram apresentadas como uma transformação inovadora de ensino-aprendizagem. Tal transformação ocorreria com o objetivo de solucionar alguns desafios do ensino de gramática da língua portuguesa. Ressalto que minha intenção inicial não foi solucionar este desafio, mas refletir e problematizar acerca do uso das Metodologias Ativas no ensino de língua portuguesa.

Acredito que o ensino da língua portuguesa passa por muitos obstáculos, mas ousar dizer que um dos principais é entendermos de que forma o ensino de gramática pode ser aliado às práticas da linguagem, sendo essas: leitura, produção, oralidade e análise linguística. Desse modo, o ensino de gramática acontece conforme o caminho que o educador toma diante dessas práticas da linguagem. E é através da escolha desse caminho que as Metodologias Ativas têm aparecido, com o intuito de relacionar as práticas da linguagem com o ensino de língua portuguesa.

Ressalto também que alguns professores utilizam as Metodologias Ativas também como uma abordagem mais produtiva da gramática em sala de aula, como no artigo “Proposta de material pedagógico adaptado para o ensino remoto de gramática por meio de Metodologias Ativas na rede pública”. Neste artigo, Gomes, Villar e Maynardes (2021) apresentam o desenvolvimento de um material didático para a prática pedagógica no ensino da gramática da língua portuguesa, na modalidade de ensino remoto, usando como base a metodologia Abordagem de Aprendizagem Linguística Ativa, que é empregada pelo projeto “Gramaticoteca”, da professora Eloisa Pilati, e a Metodologia Ativa de Gamificação.

Todas essas iniciativas acontecem principalmente porque, quando falamos de ensino de língua portuguesa, falamos do ensino de um organismo vivo em constante mudança. Falamos também de um organismo que se manifesta de diferentes formas. De acordo com Celso Cunha (1986, p. 79):

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

Com isso, o educador precisa abordar o ensino de língua de forma mais heterogênea, pois é exatamente como a língua é e se comporta. As Metodologias Ativas seriam utilizadas com a intenção de tornar esse ensino mais ativo, no qual os estudantes são estimulados a participar do processo de forma mais direta. Nos materiais que me chegavam às mãos, o estudante era colocado como sujeito histórico da ação, com papel ativo, valorizando os conhecimentos prévios como pontos de partida para a construção do saber.

É justamente após todo esse percurso que surge o meu interesse por esse objeto de pesquisa: as Metodologias Ativas. Assim, durante algum tempo, acreditei que esta proposta metodológica seria o ensino-aprendizagem ideal. Essa busca por um ensino-aprendizagem inovador acontece, em alguma medida, por vivermos em um momento de urgências, uma vez que é comum ouvirmos que a educação está em crise, e não é muito difícil perceber que, aos poucos, a formação escolar vem se tornando incompatível com os estudantes de hoje. Tanto os seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram

mais em sintonia com os jovens do século XXI. Vale ressaltar que a crise na educação é um problema que está para além de objetos e metodologias, ou, até mesmo, do surgimento das novas tecnologias. Não podemos desassociar os dilemas didáticos docentes dos contextos socioculturais em que estamos imbuídos. Conforme afirma Candau (2014) – autora referência na área da Didática no Brasil – os impasses das escolas se encontram em um nível mais profundo, questionando o próprio modelo de sociedade em que se situam, marcados pela modernidade em questão e a emergência de novos modelos de sociedades e sujeitos. Assim, a autora discorre sobre a atual crise generalizada, na qual parece haver o surgimento de novos paradigmas do ponto de vista político-social, científico, cultural e ético. É em vista disso que a percepção de educação precisa ser repensada e resignificada.

Após todas essas reflexões, produzi a minha monografia, que se propôs a construir dados através de uma revisão bibliográfica que auxilia a coerir as publicações de artigos acadêmicos, na base de dados do Scielo, no recorte temporal de 2010 a 2020, com os descritores “metodologia ativa” AND “ensino”, e refletir sobre os discursos acerca dessa sistematização de ensino. Vale ressaltar que a motivação inicial era analisar o uso das Metodologias Ativas no ensino de língua portuguesa; porém não havia trabalhos publicados na plataforma Scielo com esta relação. E, no decorrer da pesquisa, surgiu a necessidade de um aprofundamento e um questionamento sobre o que são as Metodologias Ativas, que desdobramentos despertam e quais são suas filiações teórico-metodológicas.

Ao final da pesquisa bibliográfica da monografia surgem novas questões, o próximo passo para uma pesquisa se desenha pela necessidade de um aprofundamento de alguns encontros. Por esse motivo, decidi continuar pesquisando sobre as Metodologias Ativas, como parte da metodologia num contexto de BNCC, representando um dos elementos das propostas neoliberais para a Educação.

A relevância dessa pesquisa está justamente em investigar uma metodologia, que possui influências neoliberais, uma tendência geral de esvaziamento dos aspectos políticos, com invisibilizações e inconsistências nos debates teóricos. Outro aspecto que vale destacar é a tendência de responsabilização dos docentes pelo direcionamento da aprendizagem dos estudantes, o que ratifica a ideia neoliberal de implementação de estratégias de gestão e sistemas de regulação e controle. À medida que o discurso neoliberal atravessa a instituição escolar, ele submete os indivíduos a uma lógica mercantil, transformando os sujeitos em empreendedores de si. É um dever social e institucional pensar na educação como uma transformadora da sociedade; porém, em uma sociedade neoliberal, a educação está a serviço do mercado. O modelo educacional está concentrado em como preparar os estudantes para o mercado de trabalho, reforçando uma lógica meritocrática e aumentando as desigualdades sociais.

2. METODOLOGIAS ATIVAS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E POLÍTICOS

Como mencionado, ao finalizar a monografia surgiu a necessidade de produzir uma investigação mais profunda acerca das Metodologias Ativas, pois pude constatar que os processos de implementação das Metodologias Ativas seguem uma tendência geral de esvaziamento dos aspectos políticos em conformidade com o modelo neoliberal. Sendo assim, emerge a necessidade de uma reflexão sobre as práticas discursivas adotadas nas Metodologias Ativas, resgatando o contexto da sua produção histórica e seus aspectos políticos.

Na monografia, pude constatar que o conceito de Metodologias Ativas não é novo. A ideia de ter uma sala de aula invertida, em que o estudante é o agente do seu conhecimento, experimentando uma aprendizagem mais ativa, participativa, surge lá atrás, no movimento escolanovista. Conforme Kfourri, Morais, Pedrochi Junior e Prado (2019), a autonomia do estudante nos processos de ensino e aprendizagem se dá ao atribuir ao estudante a realização de tarefas e atividades. O conceito de Metodologia Ativa está relacionado à participação do estudante no processo de sua própria aprendizagem, ou seja, quando ele trilha os caminhos para a construção do conhecimento. Essa autonomia estimula a capacidade reflexiva dos educandos, que, bem direcionada pelo docente, contribui para o seu desenvolvimento individual e intelectual.

Podemos observar que as Metodologias Ativas recorrem aos princípios pedagógicos da Escola Nova, remodelando os métodos de ensino e aprendizagem escolanovistas. A remodelação ocorre, principalmente, a partir do uso das tecnologias na sala de aula; as Metodologias Ativas mostram que os princípios pedagógicos escolanovistas podem ser desenvolvidos com a utilização das tecnologias digitais. Entretanto, na bibliografia disponível em buscas rápidas e amplas na internet, como na plataforma Scielo, ou em sites de buscas por textos acadêmicos ou não acadêmicos, não encontramos conteúdos que relacionam as contribuições da pedagogia proposta pela Escola Nova às contemporâneas Metodologias Ativas, com raras exceções, como o artigo "Aproximações da Escola Nova com as Metodologias Ativas: Ensinar na Era Digital", de Kfourri, Morais, Pedrochi Junior e Prado (2019).

Nas últimas décadas, diversas metodologias ativas vêm sendo desenvolvidas, como: a aprendizagem baseada em problemas e a metodologia da problematização. Tais abordagens apresentam-se como metodologias inovadoras que possuem a intenção de superar o modelo tradicional. É importante ressaltar que essas propostas possuem contribuições para o desenvolvimento dos estudantes, contudo apresentam algumas insuficiências.

A metodologia da problematização está inicialmente relacionada ao método do arco proposto por Charles Maguerez, que ficou conhecido como Arco do Maguerez. No entanto, poucos artigos abordam a sua ligação com Paulo Freire. Freitas (2012, p. 408) diz:

Vale lembrar que a formulação e a aplicação do método da problematização em situações educativas remontam a Paulo Freire, em 1962, quando ele criou um método de alfabetização de adultos. Freire (1974) descreveu a ação de problematizar como uma atitude reflexiva do sujeito em relação à sua realidade circundante, visando buscar meios de transformar essa realidade e a si próprio.

Mas Bordenave (2006) faz associações com outros referenciais teóricos, sugerindo que, na MP, apresentam-se elementos da aprendizagem por descoberta de inspiração piagetiana e interacionista vygotskyana. O autor também a associa às ideias de Jerome Bruner e à aprendizagem significativa de David Ausubel. Ele considera que essas são concepções que induzem a uma pedagogia problematizadora com aplicações decorrentes, como a pesquisa-ação de Paulo Freire, o método da linguagem total de Francisco Gutierrez e o método do arco de Charles Maguerez.

Ressalto que a insuficiência diante das abordagens ativas se dá também pela falta de uma fundamentação teórica. Observam-se indícios de que essa forma de aprendizado já começava a ser estruturada a partir

da década de 1920 em países como Estados Unidos, Canadá, França e Inglaterra, e passou a ser aplicada amplamente em instituições de ensino por volta da década de 1960. Diante disso, o que encontramos ao pesquisar sobre Metodologia Ativa são trabalhos que não aprofundam suas bases teóricas, não visibilizam nomeadamente outras contribuições importantes e basilares, como as da Escola Nova e de Paulo Freire, como mencionado acima, e, ademais, conforme Ribeiro (2008) pontua, nos deparamos com uma “confusão” teórica com recorrente combinação de ideias muito distintas, e até antagônicas, como as de Ausubel, Bruner, Dewey, Piaget e Rogers.

Conforme as contribuições apresentadas, percebemos os apagamentos históricos das articulações teóricas e políticas das Metodologias Ativas. Elas devem ser usadas se isso tornar os processos de ensino-aprendizagem mais potentes, se trouxerem contribuições pedagógicas e se não forem implementadas de forma impositiva aos professores. Porém, não se trata simplesmente de introduzir modificações cosméticas na dinâmica escolar cotidiana, é preciso sempre visibilizar seu contexto de produção histórica e seus aspectos políticos, porque a educação é sempre inescapavelmente política. A formação educacional deve envolver e enxergar os estudantes e os profissionais docentes como sujeitos sociais, com suas subjetividades, identidades pessoais e profissionais, suas autonomias, suas capacidades de produção de conhecimento; ela deve reconhecê-los como sujeitos submersos numa sociedade cultural e que, ao mesmo tempo, a produzem. Desta maneira, impossibilita-se a dissociação dos processos de aprendizagem da dimensão político-social, pois esses processos circundam seres sociais.

3. QUESTÕES A SEREM INVESTIGADAS

Partindo da noção de prática discursiva de Michel Foucault, filósofo que produziu diversos estudos sobre o discurso e dispositivos de poder, acolho sua afirmação de que o discurso é produtor de conhecimento, regula, por meios de práticas discursivas, o que é possível ou não dizer:

a prática discursiva é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem, em um dado momento e para um determinado espaço social, econômico, geográfico ou linguístico, as condições para o exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2014, p. 144).

Assim dizendo, as práticas discursivas atuam conforme aspectos sociais, políticos e históricos; por isso, além de as práticas discursivas produzirem conhecimento, elas também são capazes de categorizar o sujeito, formando o que ele é e até mesmo o que é capaz de fazer. Podemos perceber essa mesma relação diante das Metodologias Ativas, as quais, muitas vezes, são aliadas à ideia neoliberal de implementação de estratégias de gestão e de sistemas de regulação e controle. Em vista disso, é preciso sempre visibilizar seu contexto de produção histórica e seus aspectos políticos. Trata-se de um ponto chave para a construção desse trabalho, já que, além disso, as Metodologias Ativas são vinculadas com um ensino-aprendizagem inovador, que mantenho em vista para pensar discursivamente o conceito de Inovação e a relação com o silenciamento das articulações políticas.

Futuramente, pretendo aprofundar as análises discursivas a respeito das possíveis relações entre esses apagamentos, que passo a chamar de silenciamentos das articulações teórico-político-históricas, ao mesmo

tempo em que reforço a palavra Inovação. Pretendo buscar outros autores que me ajudem a pensar o silêncio no discurso, mas parto de Eni Orlandi (2007, p. 28-29), que diz:

A partir dessas reflexões, e conduzida pela minha convivência com a discussão sobre o político da linguagem, interessei-me por outra característica desse mesmo tema: a política do silêncio. Isto é, o silenciamento. Aí entra toda a questão do “tomar” a palavra, “tirar” a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar. Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto na parte retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência).

Assim, o problema inicial que se apresenta para as análises discursivas a respeito das possíveis relações dos silenciamentos das articulações políticas das Metodologias Ativas é:

- ▶ Qual é a relação entre a denominação das Metodologias Ativas como inovadoras, ainda que apaguem a história, e o silenciamento que produzem?

Tal questão se desdobra nas seguintes perguntas a serem investigadas:

- ▶ Que Inovação é essa que se constrói a partir de um silenciamento histórico?
- ▶ Como uma metodologia que tem como história todo o movimento da Escola Nova, Paulo Freire, Ausubel, Bruner, Dewey, Piaget e Rogers, pode ser nova?
- ▶ Por que o silenciamento?
- ▶ Por que usar o termo Inovação?
- ▶ O que a palavra Inovação silencia?
- ▶ Quais são outros campos de estudo em que o termo Inovação está inserido?

3.1. **Cópus da análise**

De acordo com Bibiana Campos (2022, p. 26),

[...] o que seria a produção de cópus como uma perspectiva distinta da “coleta de dados para um cópus” defendida nas pesquisas mais tradicionais. Essa distinção se dá especialmente pelo entendimento de que em uma pesquisa cartográfica, – com processos que vão se desenhando no decorrer dos trabalhos, movidos, promovidos ou removidos conforme nossas pesquisas avançam e outros aspectos se apresentam produtivos –, é impossível partir de um cópus preestabelecido. Se o cópus já existe, não foi produzido pelo pesquisador, tampouco para fins daquela pesquisa. Assim, o cópus não é visto por nós como a composição de uma determinada coleção de textos, mas como o que o pesquisador produz a partir dos materiais que acessa em seu ponto de partida e de tantos outros que segue acessando durante seu processo de pesquisa.

Partindo desta citação, e porque a presente pesquisa consiste em uma análise cartográfica do discurso, proponho uma produção de cópulas através da análise das publicações acadêmicas, análise de propagandas sobre o material de Metodologias Ativas, além disso, uma análise dos livros didáticos que incorporam a Metodologia Ativa.

Essa análise irá buscar justamente a dupla: os silenciamentos das articulações teóricas e a palavra Inovação. Em outras palavras, e em consonância com o problema da pesquisa, produzirei análises discursivas do cópulas encontrado a respeito das possíveis relações entre os silenciamentos das articulações teórico-político-históricas, ao mesmo tempo em que se reforça a ideia de que as Metodologias Ativas são uma proposta inovadora. Como dito anteriormente, também pretendo buscar outros autores que me ajudem a pensar o silêncio no discurso e, assim, tornar a análise discursiva ainda mais potente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que os processos de implementação das Metodologias Ativas seguem uma tendência geral de esvaziamento dos aspectos políticos em conformidade com o modelo neoliberal. Portanto, como dito anteriormente, as Metodologias Ativas devem ser usadas se isso tornar os processos de ensino-aprendizagem mais potentes, se trouxerem contribuições pedagógicas e se não forem implementadas de forma impositiva aos professores. Porém, não se trata simplesmente de introduzir modificações cosméticas na dinâmica escolar cotidiana, é preciso sempre visibilizar seu contexto de produção histórica e seus aspectos políticos, porque a educação é sempre inescapavelmente política. Desse modo, a formação educacional deve envolver e enxergar os alunos e os profissionais docentes como sujeitos sociais, com suas subjetividades, identidades pessoais e profissionais, suas autonomias, suas capacidades de produção de conhecimento; ela deve reconhecê-los como sujeitos submersos numa sociedade cultural e que, ao mesmo tempo, a produzem. Desta maneira, impossibilita-se a dissociação dos processos de aprendizagem da dimensão político-social, pois esses processos circundam seres sociais.

REFERÊNCIAS

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: EdUNESP, 1999.

CAMPOS, Bibiana Wist. **Coletivo ético e político: uma análise cartográfica interdiscursiva sobre a volta às aulas durante a pandemia de covid-19**. 2022. 143 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **Didáticas e fazeres-saberes pedagógicos: diálogos, insurgentes e políticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**. Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 33-41, jan.-abr. 2014. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/15003/10923>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CANDAU, Vera Maria *et al.* (Org.). **A Didática em questão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise cartográfica do discurso**: temas em construção. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FREITAS, Raquel Aparecida Marra da Madeira. Ensino por problemas: uma abordagem para o desenvolvimento do aluno. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 403-418, 2012.

GOMES, Ana Paula Prado; VILLAR, Maria Luiza Capuano; MAYNARDES, Ana Cláudia. Proposta de material pedagógico adaptado para o ensino remoto de gramática por meio de metodologias ativas na rede pública. *In: Anais do 10º CIDI – Congresso Internacional de Design da Informação*, edição 2021 e do 10º CONGIC – Congresso Nacional de Iniciação Científica em Design da Informação. São Paulo: Blucher, 2021. p. 1779-1787.

KFOURI, Samira Fayez *et al.* Aproximações da Escola Nova com as Metodologias Ativas: ensinar na era digital. **Revista de Ensino Educação e Ciências Humanas**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 132-140, 2019. Disponível em: <<https://revista.pgsskroton.com.br/index.php/ensino/article/view/7161>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: EdUnicamp, 2007.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Luis R. Camargo. **Aprendizagem baseada em problema (PBL)**: uma experiência no ensino superior. São Carlos: EdUFSCar, 2008.